

Errata

P. 3: Onde se lê “Para Bourdieu (1997) (2), “há uma proporção muito importante de pessoas que não lêem nenhum jornal, que estão devotadas de corpo e alma à televisão como fonte única de informações” leia-se “Para Bourdieu (1997: 23-4) (2), “há uma proporção muito importante de pessoas que não lêem nenhum jornal, que estão devotadas de corpo e alma à televisão como fonte única de informações”.

P.4: Onde se lê “Nelson Traquina (1999) defende que “as notícias são o resultado de um processo de produção, definido como percepção, selecção e transformação de uma matéria-prima (os acontecimentos) num produto (as notícias)” leia-se “Nelson Traquina (1999: 167) defende que “as notícias são o resultado de um processo de produção, definido como percepção, selecção e transformação de uma matéria-prima (os acontecimentos) num produto (as notícias)”.

P.4: Onde se lê “Já Sousa (2000) afirma que “as notícias são um artefacto construído perla interacção de várias forças, que podemos citar o estrato social das pessoas, o sistema social, a ideologia, a cultura, o meio tecnológico e a história” leia-se “Já Sousa (2000: 21) afirma que “as notícias são um artefacto construído perla interacção de várias forças, que podemos citar o estrato social das pessoas, o sistema social, a ideologia, a cultura, o meio tecnológico e a história”.

P.5: Onde se lê “Nelson Traquina (1999) descreve que os “jornalistas não são observadores passivos, mas participantes activos no processo de construção da realidade. E as notícias não podem ser vistas como emergindo dos acontecimentos do mundo real; as notícias acontecem na conjugação de acontecimentos e de textos. Enquanto o acontecimento cria a notícia, a notícia cria o acontecimento” leia-se “Nelson Traquina (1999: 167) descreve que os “jornalistas não são observadores passivos, mas participantes activos no processo de construção da realidade. E as notícias não podem ser vistas como emergindo dos acontecimentos do mundo real; as notícias acontecem na conjugação de acontecimentos e de textos. Enquanto o acontecimento cria a notícia, a notícia cria o acontecimento”.

P.5: Onde se lê “Goulart (2004) reitera a característica de a notícia ser um produto construído. O autor argumenta que “notícia pode ser entendida como o resultado do processo produtivo de informações, tendo, inclusive, natureza semelhante à da informação, implicando veracidade, objectividade, honestidade, exactidão e credibilidade. Nesse sentido, o jornalismo seria a apuração, selecção e organização de informações transformadas em notícia num processo recheado de critérios e procedimentos padrão. Assim, a notícia contém informação. Por outro lado, nem toda a informação pode ser notícia. A notícia é pensada para um público que poderá utilizá-la para tomar decisões e se inserir na vida social” leia-se “Goulart (2004: online <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/precisamos-definir-esse-termo>) reitera a característica de a notícia ser um produto construído. O autor argumenta que “notícia pode ser entendida como o resultado do processo produtivo de informações, tendo, inclusive, natureza semelhante à da informação, implicando veracidade, objectividade, honestidade, exactidão e credibilidade. Nesse sentido, o jornalismo seria a apuração, selecção e organização de informações transformadas em notícia num processo recheado de critérios e procedimentos padrão. Assim, a notícia contém informação. Por outro lado, nem toda a informação pode ser notícia. A notícia é pensada para um público que poderá utilizá-la para tomar decisões e se inserir na vida social”.

P.6: Onde se lê “Segundo Luciana Bistane e Luciane Bacellar (2005) a “imagem é uma representação do real. Ao transmiti-la, a televisão transforma o espectador em testemunha”: “A imagem tem um valor imensurável. O jornalista bem pode fazer passar a mensagem de um facto, mas se ele não tiver uma imagem “apelativa” que sirva de suporte para montar uma reportagem que fidelize o público, a notícia provavelmente nunca chegará a acontecer” leia-se “Segundo Luciana Bistane e Luciane Bacellar (2005: 41-84) a “imagem é uma representação do real. Ao transmiti-la, a televisão transforma o espectador em testemunha”: “A imagem tem um valor imensurável. O jornalista bem pode fazer passar a mensagem de um facto, mas se ele não tiver uma imagem “apelativa” que sirva de suporte para montar uma reportagem que fidelize o público, a notícia provavelmente nunca chegará a acontecer”.

P.6: Onde se lê “Contudo, François Jost (2004) tem uma opinião diferente referindo que “o telejornal, embora pretenda falar da realidade, observa-se que frequentemente ele a

reduziu ao visível, ao ponto de, às vezes, a existência dos acontecimentos depender da sua capacidade de ser visualizado” leia-se “Contudo, François Jost (2004: 84) tem uma opinião diferente referindo que “o telejornal, embora pretenda falar da realidade, observa-se que frequentemente ele a reduziu ao visível, ao ponto de, às vezes, a existência dos acontecimentos depender da sua capacidade de ser visualizado”.

P.7: Onde se lê “Nesta perspectiva, questões delicadas e fundamentais, como verdade, informatividade, e referencialidade, adquirem novos e instigantes contornos”.(4)” leia-se “Nesta perspectiva, questões delicadas e fundamentais, como verdade, informatividade, e referencialidade, adquirem novos e instigantes contornos”. (Leal: 11) (4)”.

P.8: Onde se lê “A dificuldade em definir notícia foi discutida por Sigal (in Vizuite e Marcet, 2003) (5): “Ninguém sabe o que são [as notícias]. O outro problema é que ninguém sabe o que significam”. Desta forma, nota-se a “ausência de um critério compartilhado universalmente para distinguir o que as notícias são do que elas não são”. “As notícias são o que os jornalistas definem como tal. Essa tese raramente é explicitada, visto que parte do modus operandi dos jornalistas é que os eventos ocorrem ‘fora’, e os primeiros limitam-se, simplesmente, a relatá-los” leia-se “A dificuldade em definir notícia foi discutida por Sigal (in Vizuite e Marcet, 2003: 55)(5): “Ninguém sabe o que são [as notícias]. O outro problema é que ninguém sabe o que significam”. Desta forma, nota-se a “ausência de um critério compartilhado universalmente para distinguir o que as notícias são do que elas não são”. “As notícias são o que os jornalistas definem como tal. Essa tese raramente é explicitada, visto que parte do modus operandi dos jornalistas é que os eventos ocorrem ‘fora’, e os primeiros limitam-se, simplesmente, a relatá-los”.

P.8: Onde se lê “Desta forma, nota-se a “ausência de um critério compartilhado universalmente para distinguir o que as notícias são do que elas não são”. “As notícias são o que os jornalistas definem como tal. Essa tese raramente é explicitada, visto que parte do modus operandi dos jornalistas é que os eventos ocorrem ‘fora’, e os primeiros limitam-se, simplesmente, a relatá-los” leia-se “Desta forma, nota-se a “ausência de um critério compartilhado universalmente para distinguir o que as notícias são do que elas não são”. “As notícias são o que os jornalistas definem como tal. Essa tese raramente é

explicitada, visto que parte do modus operandi dos jornalistas é que os eventos ocorrem ‘fora’, e os primeiros limitam-se, simplesmente, a relatá-los.” (Altheide in Wolf: 196)”.

P.8-9: Onde se lê “Deparamo-nos com vários acontecimentos diariamente e é preciso seleccionar e escolher quais os acontecimentos que devem ser noticiados. Schudson (in Correia, 1997) (6) refere que “... a criação das notícias é sempre uma interacção de repórter, director, editor, constrangimentos da organização da sala de redacção, necessidade de manter os laços com as fontes, os desejos da audiência, as poderosas convenções culturais e literárias dentro das quais os jornalistas frequentemente operam se as pensar” leia-se “Deparamo-nos com vários acontecimentos diariamente e é preciso seleccionar e escolher quais os acontecimentos que devem ser noticiados. Schudson (in Correia, 1997: 133) (6) refere que “... a criação das notícias é sempre uma interacção de repórter, director, editor, constrangimentos da organização da sala de redacção, necessidade de manter os laços com as fontes, os desejos da audiência, as poderosas convenções culturais e literárias dentro das quais os jornalistas frequentemente operam se as pensar”.

P.9: Onde se lê “Noticiabilidade apresenta-se, segundo Gislene Silva (2005) como “todo e qualquer factor capaz de agir no processo de produção da notícia, desde características do fato, julgamentos pessoais do jornalista, cultura profissional da categoria, condições favorecedoras ou limitantes da empresa de mídia, qualidade do material, relação com as fontes e com o público, factores éticos e ainda circunstâncias históricas, políticas, económicas e sociais” leia-se “Noticiabilidade apresenta-se, segundo Gislene Silva (2005: 96) como “todo e qualquer factor capaz de agir no processo de produção da notícia, desde características do fato, julgamentos pessoais do jornalista, cultura profissional da categoria, condições favorecedoras ou limitantes da empresa de mídia, qualidade do material, relação com as fontes e com o público, factores éticos e ainda circunstâncias históricas, políticas, económicas e sociais”.

P.9: Onde se lê “Wolf (1994) defende que “as exigências organizativas e estruturais e as características técnico-expressivas próprias de cada meio de comunicação de massa são elementos fundamentais para a determinação da reprodução da realidade social fornecida pelos mass media” leia-se “Wolf (1994: 166) defende que “as exigências organizativas e estruturais e as características técnico-expressivas próprias de cada meio

de comunicação de massa são elementos fundamentais para a determinação da reprodução da realidade social fornecida pelos mass media”.

P.10: Onde se lê “Nelson Traquina (2001) refere que “o jornalismo é também um negócio” leia-se “Nelson Traquina (2001: 158) refere que “o jornalismo é também um negócio”.

P.10: Onde se lê “(7) Hackett, 1984/1993 apud Traquina, 2011” leia-se “(7) Hackett, 1984/1993 in Traquina, 2011: 63”.

P.10: Onde se lê “White cita Lewin que diz que “os gatekeepers são regidos por regras imparciais ou por um grupo (no poder) de tomar a decisão de ‘deixar entrar’ ou ‘rejeitar’ uma notícia. A comunicação de [notícias] é extremamente subjectiva e dependente de juízos de valor baseados na experiência, atitudes e expectativas do gatekeeper” leia-se “White (in Traquina, 1999, p.142) cita Lewin que diz que “os gatekeepers são regidos por regras imparciais ou por um grupo (no poder) de tomar a decisão de ‘deixar entrar’ ou ‘rejeitar’ uma notícia. A comunicação de [notícias] é extremamente subjectiva e dependente de juízos de valor baseados na experiência, atitudes e expectativas do gatekeeper”.

P.10: Onde se lê “Wolf refere Donohue, Tichenor e Olien (1972) que defendem que “o gatekeeping nos mass media inclui todas as formas de controle da informação, que podem estabelecer-se nas decisões acerca da codificação das mensagens, da selecção, da formação da mensagem ou das componentes” leia-se “Wolf refere Donohue, Tichenor e Olien (1972: p.43 in Wolf, 1992, p.161) que defendem que “o gatekeeping nos mass media inclui todas as formas de controlo da informação, que podem estabelecer-se nas decisões acerca da codificação das mensagens, da selecção, da formação da mensagem ou das componentes”.

P.11: Onde se lê “Assim, “os valores-notícia são usados de duas maneiras. São critérios para seleccionar, do material disponível para a redacção, os elementos dignos de serem incluídos no produto final. Em segundo lugar, eles funcionam como linhas-guia para a apresentação do material, sugerindo que deve ser enfatizado, o que deve ser omitido, onde dar prioridade na preparação das notícias a serem apresentadas ao público. (...) os

valores-notícia são a qualidade dos eventos ou da sua construção jornalística, cuja ausência ou presença relativa os indica para a inclusão num produto informativo. Quanto mais um acontecimento exhibe essas qualidades, maiores são as suas chances de ser incluídos” leia-se “Assim, “os valores-notícia são usados de duas maneiras. São critérios para seleccionar, do material disponível para a redacção, os elementos dignos de serem incluídos no produto final. Em segundo lugar, eles funcionam como linhas-guia para a apresentação do material, sugerindo que deve ser enfatizado, o que deve ser omitido, onde dar prioridade na preparação das notícias a serem apresentadas ao público. (...) os valores-notícia são a qualidade dos eventos ou da sua construção jornalística, cuja ausência ou presença relativa os indica para a inclusão num produto informativo. Quanto mais um acontecimento exhibe essas qualidades, maiores são as suas chances de ser incluídos” (Golding e Elliot in Wolf: 203)”.

P.11: Onde se lê “Como refere Amaral (1982), “se um cachorro morde um homem, não é notícia, mas se um homem morde um cachorro, aí então é notícia, e sensacional” leia-se “Como refere Amaral (1982: p.40), “se um cachorro morde um homem, não é notícia, mas se um homem morde um cachorro, aí então é notícia, e sensacional”.

P.11: Onde se lê “Bonner (2004) explica que “a abrangência de um fato, a gravidade de suas implicações, seu carácter histórico e o contexto em que se dá (seu peso relativo, em comparação com os demais daquele dia) são critérios de selecção primários. Servem para separar aquilo que será publicado daquilo que provavelmente não será” leia-se “Bonner (2009: p.105) explica que “a abrangência de um fato, a gravidade de suas implicações, seu carácter histórico e o contexto em que se dá (seu peso relativo, em comparação com os demais daquele dia) são critérios de selecção primários. Servem para separar aquilo que será publicado daquilo que provavelmente não será”.

P.11: Onde se lê “Segundo o autor “o primeiro consiste na capacidade de justificação dos valores-notícia de referência perante as esferas de validação dos valores-notícia, isto é, as expectativas da audiência e o interesse público. O segundo consiste na capacidade de implementação dos valores-notícia de referência pela organização. Na primeira está em jogo a qualidade jornalística do produto da organização; na segunda está em jogo a eficiência da própria organização” leia-se “Segundo o autor “o primeiro consiste na capacidade de justificação dos valores-notícia de referência perante as esferas de

validação dos valores-notícia, isto é, as expectativas da audiência e o interesse público. O segundo consiste na capacidade de implementação dos valores-notícia de referência pela organização. Na primeira está em jogo a qualidade jornalística do produto da organização; na segunda está em jogo a eficiência da própria organização” (Guerra, 2003: p. 199)”.

P.12: Onde se lê “Relativamente a isto, Stephens (1988) afirma que “é surpreendente que a essência das notícias pareça ter mudado tão pouco? A que outros assuntos se poderiam as notícias ter dedicado? Podemos imaginar um sistema de notícias que desdenhasse o insólito em favor do típico, que ignorasse o proeminente, que dedicasse tanta atenção ao datado como ao actual, ao legal como ao ilegal, à paz como à guerra, ao bem estar como à calamidade e à morte?” leia-se “Relativamente a isto, Stephens (1988) afirma que “é surpreendente que a essência das notícias pareça ter mudado tão pouco? A que outros assuntos se poderiam as notícias ter dedicado? Podemos imaginar um sistema de notícias que desdenhasse o insólito em favor do típico, que ignorasse o proeminente, que dedicasse tanta atenção ao datado como ao actual, ao legal como ao ilegal, à paz como à guerra, ao bem estar como à calamidade e à morte?” (in Traquina, 2002: p.178)”.

P.12: Onde se lê “Relativamente aos valores-notícia de selecção, Traquina refere ainda a divisão feita por Wolf: os critérios substantivos que dizem respeito à “avaliação directa do acontecimento em termos da sua importância e ou interesse como notícia (...) e os valores contextuais que dizem respeito ao contexto de produção das notícias” leia-se “Relativamente aos valores-notícia de selecção, Traquina (2002: p.86) refere ainda a divisão feita por Wolf: os critérios substantivos que dizem respeito à “avaliação directa do acontecimento em termos da sua importância e ou interesse como notícia (...) e os valores contextuais que dizem respeito ao contexto de produção das notícias”.

P.13: Onde se lê “As diferentes formas dos impérios, as mudanças, os movimentos, os afazeres da guerra e da paz, as causas das guerras, os planos, as batalhas, as derrotas, as estratégias, as novas leis, os julgamentos, os cargos políticos, os dignatários, os nascimentos e mortes dos príncipes, as sucessões em um reino, as inaugurações e cerimónias públicas que parecem se instituir novamente ou que parecem mudar ou que são abolidas, o óbito de varões ilustres, o fim de pessoas ímpias” leia-se “As diferentes

formas dos impérios, as mudanças, os movimentos, os afazeres da guerra e da paz, as causas das guerras, os planos, as batalhas, as derrotas, as estratégias, as novas leis, os julgamentos, os cargos políticos, os dignatários, os nascimentos e mortes dos príncipes, as sucessões em um reino, as inaugurações e cerimónias públicas que parecem se instituir novamente ou que parecem mudar ou que são abolidas, o óbito de varões ilustres, o fim de pessoas ímpias” (Tobias Peucer (2004, p.28 e sgts))”.

P.13: Onde se lê “A existência de um acontecimento na actualidade já transformada em notícia pode servir de ‘news peg’, ou gancho (...) para outro acontecimento ligado a esse assunto” (Traquina, 2008) leia-se “A existência de um acontecimento na actualidade já transformada em notícia pode servir de ‘news peg’, ou gancho (...) para outro acontecimento ligado a esse assunto” (Traquina, 2008: p.81)”.

P.17: Onde se lê “Donald Shaw (1979) afirma que "em consequência da acção dos jornais, da televisão e dos outros meios de informação, o público sabe ou ignora, presta atenção ou descarta, realça ou negligencia elementos específicos dos cenários públicos. As pessoas têm tendência para incluir ou excluir dos seus próprios conhecimentos aquilo que os mass media incluem ou excluem do seu próprio conteúdo” leia-se “Donald Shaw,1979 (in Wolf, 2001: 144) afirma que "em consequência da acção dos jornais, da televisão e dos outros meios de informação, o público sabe ou ignora, presta atenção ou descarta, realça ou negligencia elementos específicos dos cenários públicos. As pessoas têm tendência para incluir ou excluir dos seus próprios conhecimentos aquilo que os mass media incluem ou excluem do seu próprio conteúdo”.

P.17: Onde se lê “Manuel Piedrahita (11) afirma que “a maioria dos cidadãos bebe a informação exclusivamente no chamado topicamente ‘pequeno ecrã’, o qual, no entanto, eu denominaria ‘grande’ pela influência que exerce. A torneira que regula e doseia a informação atua como manipulador com uma precisão assustadora, mesmo para quem se considere imune a qualquer espanto” leia-se “Manuel Piedrahita (1996: p.162-3)(11) afirma que “a maioria dos cidadãos bebe a informação exclusivamente no chamado topicamente ‘pequeno ecrã’, o qual, no entanto, eu denominaria ‘grande’ pela influência que exerce. A torneira que regula e doseia a informação atua como manipulador com uma precisão assustadora, mesmo para quem se considere imune a qualquer espanto”.

P.18: Onde se lê “Os promotores de notícia são aqueles que, cito Nelson Traquina, “identificam e tornam observável uma ocorrência como especial” leia-se “Os promotores de notícia são aqueles que, cito Nelson Traquina (in Skrotzky, 2009: p.27), “identificam e tornam observável uma ocorrência como especial”.

P.18: Onde se lê “Os news assemblers são os profissionais que “transformam um perceptível conjunto finito de ocorrências promovidas em acontecimentos públicos através de publicação radiodifusão” (Molotch e Lester, 1974/1993)” leia-se “Os news assemblers são os profissionais que “transformam um perceptível conjunto finito de ocorrências promovidas em acontecimentos públicos através de publicação radiodifusão” (Molotch e Lester, 1974/1993 in Traquina, 2001, p.21)”.

P.18: Onde se lê “Molotch e Lester defendem que as pessoas têm interesses diferentes, reflexo de “culturas, origens sociais e situações específicas” diferentes” leia-se “Molotch e Lester (in Traquina, 2001: p.22) defendem que as pessoas têm interesses diferentes, reflexo de “culturas, origens sociais e situações específicas” diferentes”.

P.18: Onde se lê “McCombs e Shaw (1972) redefinem agendamento dizendo que este conceito “é consideravelmente mais que a clássica asserção que as notícias nos dizem sobre o que pensar. As notícias também nos dizem como pensar nisso. Tanto a selecção de objectos que despertam a atenção como a selecção de enquadramentos para pensar esses objectos são poderosos papéis de agendamento” leia-se “McCombs e Shaw, 1972 in Traquina, 2003, p33) redefinem agendamento dizendo que este conceito “é consideravelmente mais que a clássica asserção que as notícias nos dizem sobre o que pensar. As notícias também nos dizem como pensar nisso. Tanto a selecção de objectos que despertam a atenção como a selecção de enquadramentos para pensar esses objectos são poderosos papéis de agendamento”.

P.19: Onde se lê “Bernard Cohen e McCombs (2009) referem que “os veículos noticiosos podem não ser bem sucedidos em dizer às audiências o que dizer, mas são surpreendentemente bem-sucedidos em dizer às audiências sobre o que pensar” leia-se “Bernard Cohen e McCombs (Cohen, 1963, in McCombs, 2009, p. 19) referem que “os veículos noticiosos podem não ser bem sucedidos em dizer às audiências o que dizer, mas são surpreendentemente bem-sucedidos em dizer às audiências sobre o que pensar”.

P.19: Onde se lê “Contudo, vinte anos após os primeiros artigos sobre este tema, McCombs resume o efeito do agendamento como “os atributos enfatizados pelo campo jornalístico podem influenciar directamente a direcção da opinião pública. Tanto a selecção das ocorrências e/ou das questões que constituirão a agenda, como a selecção dos enquadramentos para interpretar essas ocorrências e/ou questões são poderes importantes que o conceito de agendamento agora identifica de mais de vinte anos de vida intelectual” leia-se “Contudo, vinte anos após os primeiros artigos sobre este tema, McCombs, 1992 (in Traquina (2001, 43) resume o efeito do agendamento como “os atributos enfatizados pelo campo jornalístico podem influenciar directamente a direcção da opinião pública. Tanto a selecção das ocorrências e/ou das questões que constituirão a agenda, como a selecção dos enquadramentos para interpretar essas ocorrências e/ou questões são poderes importantes que o conceito de agendamento agora identifica de mais de vinte anos de vida intelectual”.

P.29: Onde se lê “Já Gislene Silva (2005) referia que a noticiabilidade vai depender das “características do fato, julgamentos pessoais do jornalista, cultura profissional da categoria, condições favorecedoras ou limitantes da empresa de mídia, qualidade do material, relação com as fontes e com o público, factores éticos e ainda circunstâncias históricas, políticas, económicas e sociais” leia-se “Já Gislene Silva (2005: p.96) referia que a noticiabilidade vai depender das “características do fato, julgamentos pessoais do jornalista, cultura profissional da categoria, condições favorecedoras ou limitantes da empresa de mídia, qualidade do material, relação com as fontes e com o público, factores éticos e ainda circunstâncias históricas, políticas, económicas e sociais”.

P.30: Onde se lê “Aliás, como dito por Nelson Traquina (2001) “o jornalismo é também um negócio” e acaba por interferir na produção do conteúdo noticioso” leia-se “Aliás, como dito por Nelson Traquina (2001: p.158) “o jornalismo é também um negócio” e acaba por interferir na produção do conteúdo noticioso”.

P.32: Onde se lê “O Jornalismo em Directo veio situar-se no coração do jornalismo. É um espaço de informação privilegiado nos nossos dias. Mais do que “encher chouriços” – como se diz na gíria –, o direto desempenha um papel extremamente importante no domínio da televisão, sendo que se trata de uma estratégia de eliminar qualquer

possibilidade do público desconfiar da veracidade dos acontecimentos”(12)” leia-se “O Jornalismo em Directo veio situar-se no coração do jornalismo. É um espaço de informação privilegiado nos nossos dias. Mais do que “encher chouriços” – como se diz na gíria –, o direto desempenha um papel extremamente importante no domínio da televisão, sendo que se trata de uma estratégia de eliminar qualquer possibilidade do público desconfiar da veracidade dos acontecimentos” (Évora, 2004: online - <http://nosmedia.wordpress.com/2004/11/19/o-jornalismo-em-directo-reflexao-da-semana/> (12))”

P.32: Onde se lê “Como refere Cordeiro (2003), a Internet tem vindo a “implantar-se”, reunindo cada vez mais adeptos, “redefinindo estratégias de comunicação, criando novos modelos e forçando todos os meios de comunicação a servirem-se dela enquanto suporte para se fortalecerem” leia-se “Como refere Cordeiro (2003: 219), a Internet tem vindo a “implantar-se”, reunindo cada vez mais adeptos, “redefinindo estratégias de comunicação, criando novos modelos e forçando todos os meios de comunicação a servirem-se dela enquanto suporte para se fortalecerem”.

P.34: Onde se lê “Como refere Diana Andringa (2008), “apesar dos portugueses não verem mais televisão do que os outros povos, a televisão é a sua principal fonte de informação e adquiriu uma importância fundamental para a vida política e para a difusão de factos e ideias normativas do comportamento individual e social” leia-se “Como refere Diana Andringa (2008: online - http://menina-da-lua.blogspot.pt/2005/11/em-jeito-de-concluso-do-relatrio-de_10.html), “apesar dos portugueses não verem mais televisão do que os outros povos, a televisão é a sua principal fonte de informação e adquiriu uma importância fundamental para a vida política e para a difusão de factos e ideias normativas do comportamento individual e social”.

P.35: Onde se lê “Como diz Correia (2001), sem um acompanhamento qualificável, “os jornalistas da jovem geração perderiam algo da essência da missão que lhes competia” leia-se “Como diz Correia (2001: p.2), sem um acompanhamento qualificável, “os jornalistas da jovem geração perderiam algo da essência da missão que lhes competia”.

BIBLIOGRAFIA(S) / REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Karen Cristina Kraemer. Script: a organização da produção audiovisual no Telejornalismo.

AMARAL, L. 1982. Jornalismo, matéria de primeira página. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro

AMARAL, Sandra e CARDOSO, Gustavo. O impacto da Internet no jornalismo televisivo e radiofónico português: o caso das representações e práticas dos jornalistas da SIC e da TSF.

ANDRINGA, Diana. Jornalismo: uma profissão em mudança. VI Congresso Português de Sociologia. Mundos Sociais: saberes e práticas. 2008.

_____. http://menina-da-lua.blogspot.pt/2005/11/em-jeito-de-concluso-do-relatrio-de_10.html

BISTANE, Luciana e BACELAR, Luciane. Jornalismo de TV. São Paulo: Contexto, 2005.

BOND, F. Fraser. Introdução ao jornalismo. Rio de Janeiro: Agir, 1959.

BONNER, William. Jornal Nacional: modo de fazer. São Paulo: Globo, 2009.- Traquina, Nelson (2002), Jornalismo, Quimera.

BONIXE, J. L. R., 2009, A Informação Radiofónica: rotinas e valores-notícia da reprodução da realidade na rádio portuguesa, Lisboa, Universidade Nova de Lisboa – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Ciências da Comunicação.

BORDIEU, Pierre. Sobre a televisão. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

BRUM, Juliana. A Hipótese do Agenda Setting: Estudos e Perspectivas, Número 35.

BURKHARDT, Fabiano. Jornalistas Free-lancers, 2006.

CORDEIRO, Paula (2003), A rádio em Portugal. Consensos, dialogismos e interactividade: da palavra analógica ao ouvido digital. Tese de doutoramento, Universidade Nova de Lisboa. Edição policopiada

CORREIA, Fernando. Os jornalistas e as notícias. Lisboa: Editorial Caminho, 1997.

CORREIA, João. 2001. http://suzinharibeiro.blogspot.pt/2003_08_01_archive.html

COSTA, Diana Maria Tato Ribeiro. Análise de critérios editoriais e comparação de alinhamentos: A TVI e o jogo das audiências, 2011.

ÉVORA, Silvino Lopes. O Jornalismo em Directo – Reflexão da Semana, categoria [Media & Jornalismo](#). 2004.

FAUSTINO, Paulo (2004). A Imprensa em Portugal – Transformações e tendências, Lisboa, Media XXI/FormalPress Lda., col. «Media XXI».

FERNANDES, Carolina. Telejornalismo regional: uma análise dos critérios de noticiabilidade utilizados no Jornal 53 diante da contribuição organizacional e social.

FERREIRA, Paulo Jorge. Alvo em movimento. Novos media e audiências. Livro de actas – 4º SOPCOM.

FIDALGO, Joaquim e SERRA, Paulo. Campos da comunicação. Ciências da Comunicação em Congresso na Covilhã. Actas do III Sopcom, VI Lusocom e II Ibérico Volume IV

_____. Novos desafios para a imprensa escrita e para o jornalismo.

_____. De que é que se fala quando se fala em Serviço Público de Televisão?

GOMES, Itania Maria Mota. Telejornalismo de qualidade. Pressupostos teórico-metodológicos para análise. UNIrevista - Vol. 1, nº 3 : (julho 2006).

GOULART, Alexandre. Informação: precisamos definir esse termo. Observatório da Imprensa. Campinas, v. 11, n. 286, 20 jul. 2004.

GRADIM, Anabela. Manual do Jornalismo. Universidade da Beira Interior. Maio, 2000.

GUAZINA, Liziane. O conceito de mídia na comunicação e na ciência política: Desafios interdisciplinares. Revista debates, Porto Alegre, v.1, n.1, jul.-dez. 2007.

GUERRA, Josenildo Luiz. O percurso interpretativo na produção da notícia, Salvador, UFA, 2003 (tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas da UFBA);

JORGE, Thaís de Mendonça. A notícia e os valores-notícia. O papel do jornalista e dos filtros ideológicos no dia-a-dia da imprensa. UNIrevista - Vol. 1, n° 3 : (julho 2006).

JOST, François. Seis Lições Sobre Televisão. (2004).

LEAL, Bruno Souza. Reflexões sobre a imagem: um estudo de caso. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação

LEMOS, Ariane Barbosa e NASSIF, Mônica Erichsen. Informação e notícia: conexões no âmbito da Ciência da Informação e da Comunicação Social. DataGramZero – Revista de Informação, v. 12, n.3,jun2011.

LEWIN, Kurt. Frontiers in Group Dynamics, Human Relations, v.1, no.2, 1947.

McCOMBS, Maxwell E.; SHAW, Donald L. A função do agendamento dos media,1972 In: TRAQUINA, Nelson. O Poder do Jornalismo: análise e textos da teoria do agendamento. Coimbra: Minerva, 2000.

McCOMBS, M. A Teoria da Agenda: a mídia e a opinião pública. Petrópolis: Vozes, 2009.

MEDITSCH, Eduardo. O conhecimento do jornalismo. Florianópolis: UFSC, 1992.

_____. (1999), A rádio na era da informação: teoria e técnica do novo radiojornalismo. Coimbra: Minerva

MOLOTCH, Harvey; LESTER, Marilyn. As notícias como procedimento intencional. In: TRAQUINA, Nelson. Jornalismo: questões, teorias e "estórias". Lisboa: Vega Editoria, 1999.

MOLTINI, Thieny e SCHAUN, Angela. O jornalismo em meio a globalização, o crescimento demográfico e o desenvolvimento sustentável.

MUNCH, Beat. Les constructions référentielles dans les actualités télévisées. Berna: Peter Lang, 1992.

NASCIMENTO, Camila Porto. O discurso telejornalístico na construção da imagem da violência: polícia x traficantes no jornal nacional. 2007.

ORTEGA, João. Dissertação de Mestrado traça perfil do jornalista freelancer, 27/06/2012 - Ano: 45 - Número: 54.

PIEDRAHITA, Manuel de, Jornalismo Moderno, Histórias, perspectivas e tendências rumo ao ano 2000, Lisboa: Plátano, 1996.

Revista Jornalismo & Jornalistas, 2004

RIBEIRO, FILIPA M.. Utopia e Jornalismo na transformação de identidades.

RODRIGUES, Adriano Duarte. O acontecimento. In Nelson Traquina (org). In Jornalismo: questões, teoria e "estórias". 2ª edição. Ed. Vega, 1999.

SACRAMENTO, Igor. Por um jornalismo televisivo de alto nível: as definições de qualidade na crítica especializada em duas décadas (1970/1980).

SANTOS, R. (1997). A Negociação entre Jornalistas e Fontes. Coimbra: Minerva.

SCHLESINGER, P. (1992): Repenser la sociologie du journalisme. Les stratégies de la source d'information et les limites du médiacentrisme. *Reseaux*, n.o 51.

SCHUDSON, Michael. *Discovering the news: a social history of american newspaper*. New York: Basic Books, 1978.

_____. *The power of news*. Cambridge: Harvard University Press, 1995a.

_____. *Creating public knowledge*. *Media Studies Journal*, v.9, no 3. New York: Columbia University, 1995b.

SILVA; Camile Luciane da e JÚNIOR, Wanderley Marchi. *Comunicação televisiva: reflexões e considerações sobre o telejornalismo esportivo*.

SILVA, Gislene. *Para pensar critérios de noticiabilidade*. *Estudos em Jornalismo e Mídia*. Vol II N°1, 1°Semestre de 2005.

SKROTZKY, Douglas Coltri. *DESTAK: Uma análise sobre as notícias do primeiro grande jornal gratuito do Brasil*. Porto Alegre, 2009.

SOUSA, Jorge Pedro. *As notícias e os seus efeitos: as teorias do jornalismo e os efeitos sociais dos media jornalísticos*. Coimbra: Minerva Coimbra, 2000.

SOARES, Hamistelie Roberta Pinto de Sousa e OLIVEIRA, Jocyelma Santana dos Santos Martins. *A construção da notícia em telejornais: valores atribuídos e newsmaking*. 2007.

SOARES, Joarle Magalhães, *Como é que os acontecimentos se tornam notícia? Um estudo sobre os valores-notícia no Jornal Nacional*, 2007.

TRAQUINA, Nelson. *Jornalismo: questões, teorias e "estórias"*. 2ª edição. Lisboa: Editora Veja, 1999.

_____. *O estudo do jornalismo no século XX*. São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 2001.

_____. *Teorias do jornalismo. A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional*. Florianópolis: Insular, 2 ed. 2008.

TRINTA, Aluizio R.. LENDO Sobre a Televisão, de Pierre Bourdieu. 2001/2002.

VEIGA, João Conde (1992), Introdução ao estudo da Comunicação Social. Porto, Fundação Fernando Pessoa.

VESTENA, Carla Luciane Blum. O papel da mídia na formação da opinião pública: a contribuição de Bourdieu.

VIZUETE, J. I. A; MARCET, J.M.C. 2004. Fundamentos de periodismo impresso. Barcelona, Ariel.

WHITE, David Manning, Journalism Quartely. 1950.

WOLF, Mauro. Teorias da comunicação de massa. São Paulo: Martins Fontes: 2003.

_____. Teorias da Comunicação. Lisboa: Presença, 1994, 2002.

_____. Da sociologia dos emissores ao newsmaking. In: Teorias da comunicação. Lisboa: Editorial Presença, 1987.

WOLTON, Dominique. Revista MídiaCom Democracia. Revista do Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação. Janeiro 2009. Nº8.

_____. É preciso salvar a comunicação, Editora Paulus. São Paulo, 2006.

_____. Pensar a Comunicação. Tradução de Zélia Leal Adghirni. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 2004